

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: 651
 Data: Jan. 1988 Pg.: 11

YANOMAMI

Morte, abandono e destruição na Missão Catrimâni

Desassistência substitui ação dos missionários expulsos. Funcionário causa estragos, surtos matam, remédios acabam, crianças ficam sem vacinação e Funai interrompe o abastecimento

Sufia Rotiptheri (23 anos), Ixiti Poratheri (56), Lisa Hawarihipitheri (56) e Okoraxim Opiktheri (77) são alguns Yanomami da Missão Catrimâni (RR) que morreram após a expulsão dos missionários da área, pela Funai, em agosto passado. A equipe, da qual fazia parte a enfermeira irmã Florença Lindey, prestava assistência a mais de 100 Yanomami doentes. Na época, o bispo dom Aldo Môngiano, de Roraima, fez um apelo ao Ministério do Interior, pela permanência da enfermeira na área, diante da situação de emergência. O pedido não foi aceito.

Diante desses fatos e da situação de saúde que piorou, na missão, uma vez que os indígenas foram vítimas de surtos de bronquite e malária, o boletim nº 13 do Centro de Informação da Diocese de Roraima (CIDR), intitulado "O Crepúsculo do Povo Yanomami, Sobrevivência ou Genocídio?", faz sérias denúncias contra a Funai. Entre elas, a de que as quatro mortes são consequência do festival de irresponsabilidade e arbitrariedades dos funcionários do órgão, uma vez que, após a expulsão dos missionários, a coordenação da missão foi confiada a um simples "braçal", sem qualquer preparo técnico e educacional. A parte de saúde ficou a cargo de "um atendente de enfermagem com um curso de quatro meses".

SAQUES

O funcionário da Funai Eleton S. Lima, após acusações infundadas contra a irmã Florença, ficou responsável pela missão e promoveu um verdadeiro saque no local. Segundo o boletim, ele chegou a arrombar várias casas da missão, utilizou indevidamente e estragou motores de popa, aparelho de radiofonia, duas canoas de alumínio, um caminhão, uma moto Honda e uma bicicleta.

A consequência mais grave disso tudo, porém, recaiu sobre as crianças. Como a Funai deixou de abas-

tecer o local, seus funcionários acabaram com o estoque de gás, querosene e óleo deixado pelos missionários, e a geladeira, onde estavam armazenadas vacinas, deixou de funcionar. O estoque ficou completamente inutilizado, as fichas deixadas pela irmã Florença foram extraviadas e as crianças ficaram sem a vacinação. O estoque de remédios também acabou e não foi reabastecido.

REVEZAMENTOS E GASTOS

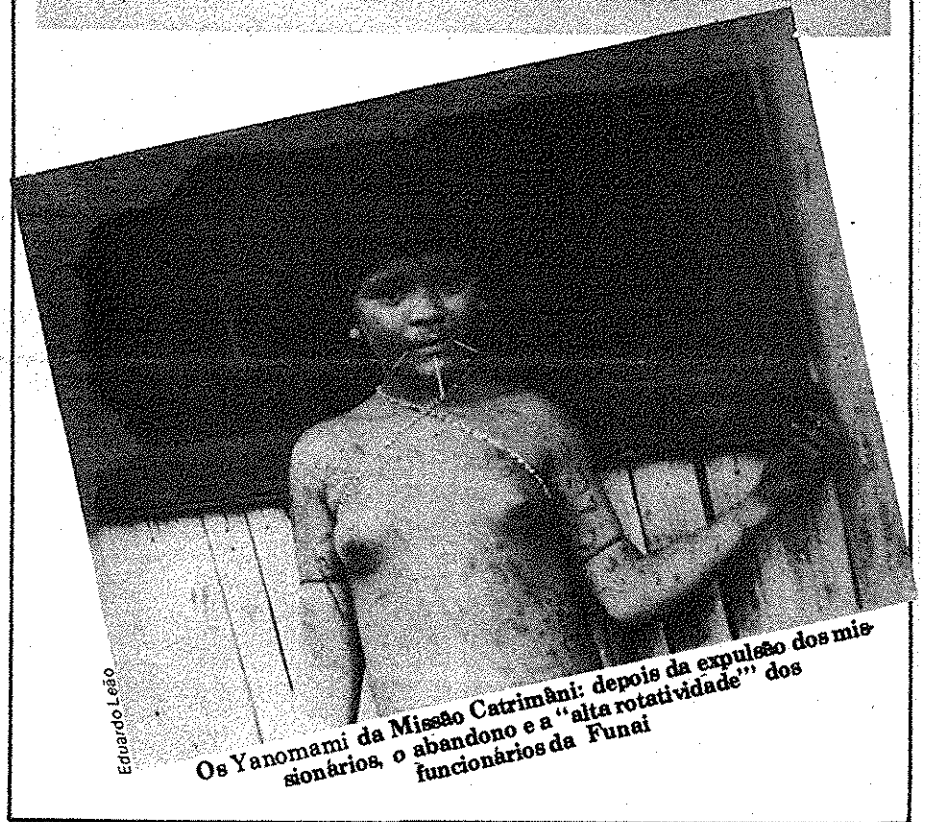
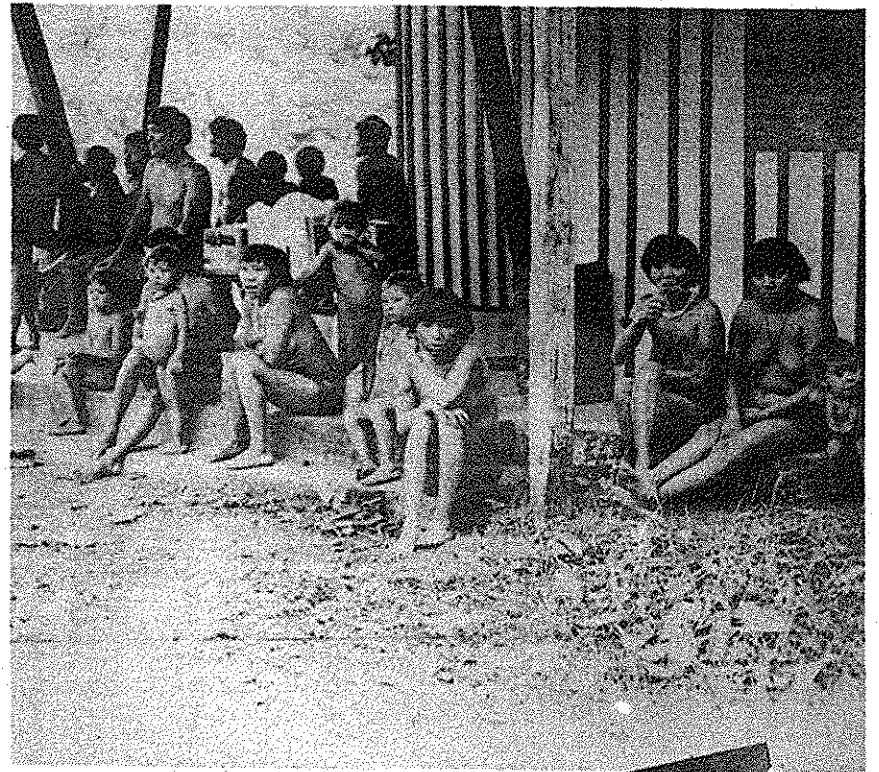
Nos três meses que se seguiram após a expulsão dos missionários, os Yanomami assistiram a 13 revezamentos de servidores da Funai: três médicos, três atendentes de enfermagem, dois chefes de postos, dois braçais, um intérprete da língua yanomami, um antropólogo e um informante do SNI.

Os Yanomami não conseguem se lembrar sequer das caras, ou dos nomes dos servidores da Funai, que não falam sua língua e desconhecem sua cultura, confirma o boletim. O informativo faz críticas ainda aos gastos da Funai com o dinheiro do contribuinte, pois, desde o fim de agosto até o final do ano passado, foram feitas mais de 20 viagens de avião ao local.

REFLEXÕES

O boletim, em suas análises sobre as expulsões e suas consequências, denuncia a ineficiência, omissão e conivência da Funai e de algumas autoridades de Roraima e do Amazonas, com o uso do poder econômico, à revelia de acordos e leis, "para enriquecer a si mesmos". Acusa a instrumentalização da Lei de Segurança Nacional, pano de fundo da vergonhosa campanha deflagrada contra o Cimi pelas mineradoras (particularmente a Paranapanema), acusando de subversivos e conspiradores os missionários católicos atuantes na área yanomami.

A incompetência e a falta de seriedade de setores do SNI também estão inseridas nas análises, pela promoção que fizeram, a nível de "informações oficiais", contra padres e bispos, divulgando fatos absurdos, sem o mínimo fundamento. "Os senhores do SNI acreditaram em calúnias de baixo nível, vendidas a baixo preço por pessoas delirantes ou publicadas sectária e acriticamente pela imprensa de Boa Vista".



Os Yanomami da Missão Catrimâni: depois da expulsão dos missionários, o abandono e a "alta rotatividade" dos funcionários da Funai

Funai: são só 4 mil. Que cálculo é esse?

A Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY) e Estudos Sócio-Econômico (Inesc) elaboraram um dossiê sobre os Yanomami, texto em que a situação do grupo é considerada extremamente grave. Eles vivem em Roraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela, e a população do lado brasileiro é de 9 mil pessoas.

O dado populacional levantado pelas entidades contraria as informações que estão sendo prestadas à imprensa pelo presidente da Funai, Romero Jucá, que assinou portaria nomeando 12 técnicos para os estudos de demarcação da área, que

ele promete se concretizar ainda este ano. Segundo Jucá, os Yanomami formam um grupo de quatro mil pessoas, e a Funai vai demarcar "a área necessária" a esse povo.

O que preocupa as entidades de apoio à causa indígena é que, por ser uma área abrangida pelo Projeto Calha Norte, os trabalhos demarcatórios, que ficarão sob responsabilidade do Departamento de Assuntos Gerais do Ministério do Exército, não correspondam às necessidades dos Yanomami. Eles continuam a sofrer invasões de mineradoras e garimpeiros em suas terras.